



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 2, volume 4, artigo nº 11, Julho/Dezembro 2018
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v4n2a11>

RELATO DE EXPERIÊNCIA: AÇÕES DE PSICOLOGIA COM ALUNOS DE ENSINO MÉDIO DE ESCOLA PÚBLICA

Adelino Lopes da Cruz Netto¹
Graduando em Psicologia

Carlos Henrique Barbosa Rozeira²
Graduando em Psicologia

Lyssa Ellen Câmara de Souza Quintão Cardoso³
Graduando em Psicologia

Amanda Vargas Pereira⁴
Professora do Curso de Psicologia

Resumo: Apresentamos neste artigo discussões sobre intervenções em psicologia realizadas no decorrer do primeiro semestre de 2018 junto aos alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual 10 de Maio, situado no município de Itaperuna/RJ. Foram realizados encontros semanais de aproximadamente 2 horas de duração, com atividades dirigidas a 33 adolescentes de ambos os sexos. As atividades foram elaboradas de acordo com as demandas dos adolescentes, investigados por meio de dinâmicas e questionário. Constitui-se nas ações o desenvolvimento de um espaço de escuta atenta à multiplicidade e diversidade destes adolescentes, explorando temáticas de seus interesses, como amizade, projeto de vida, drogas, violência e sexualidade. O contato com a realidade promoveu a reflexão sobre o papel do psicólogo na instituição de ensino e sobre os diversos desafios enfrentados, por adolescentes e pelos professores e a própria instituição, o que torna evidente a importância dessas intervenções, visto que é perceptível que há melhoria na qualidade de vida dos estudantes quando estes podem expor suas subjetividades a uma escuta sem julgamento e com garantia de apoio e sigilo.

PALAVRAS CHAVES: Intervenção, psicologia, adolescente, identidade, amizade e violência.

¹ Centro Universitário Redentor, Acadêmico do Curso de Psicologia, Itaperuna/RJ, adelinolopes01@hotmail.com

² Centro Universitário Redentor, Acadêmico do Curso de Psicologia, Itaperuna/RJ, ariezor@hotmail.com

³ Centro Universitário Redentor, Acadêmico do Curso de Psicologia, Itaperuna/RJ, lyssaellen@gmail.com

⁴ Fonoaudióloga, Mestre em saúde Pública (ENSP); Doutoranda em Saúde Coletiva (IESC/UFRJ); Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Redentor, Itaperuna/RJ.

Abstract: We present in this article discussions about interventions in psychology carried out during the first semester of 2018 together with the students of the 1st year of High School of the State College 10 de Maio, located in the city of Itaperuna / RJ. Weekly meetings of approximately 2 hours were conducted, with activities aimed at 33 adolescents of both sexes. The activities were elaborated according to the demands of the adolescents, investigated by group dynamics and questionnaire. The development of a space of listening attentive to the multiplicity and diversity of these adolescents, exploring themes of their interests, such as friendship, life project, drugs, violence and sexuality, constitute the actions. The contact with reality promoted reflection on the role of the psychologist in relation to the educational institution and on the several challenges faced. On the other hand, the importance of these interventions is evident, since a considerable improvement in life quality of the students is perceptible.

KEYWORDS: Intervention, psychology, adolescence, identity, friendship and violence.

INTRODUÇÃO

Inaugura-se no início do século XX e se estende até a atualidade um modelo escolar baseado na racionalidade, com uma educação afetada pela técnica e com a presente massificação de transmissão de conteúdos pedagógicos sem o devido espaço para viver e discursar sobre afetos, desconsiderando assim questões subjetivas. Esse modelo apresenta-se incompatível com o novo momento histórico caracterizado pela evolução científica e tecnológica de uma sociedade inspirada pelo consumismo, pela aceleração da globalização em diversos níveis, onde há expressivo declínio das autoridades simbólicas, dentre muitos outros fatores que provocam constantes transformações nos sujeitos. Em meio a esses sujeitos, destacaremos neste artigo os adolescentes.

Percebemos que as instituições de ensino tem se tornado um local de refúgio para a maioria dos adolescentes, já que o meio em que vivem não possui tantos recursos, apoio ou possibilidade de melhoria, o que vem tornando a escola num palco de dramas que reproduzem a violência, a opressão, a desigualdade social e a discriminação. Fica assim a escola, entre outras instituições, além da tarefa de promover a educação formal, com o importante papel de prepará-los para a vida. Segundo ORNELLAS, MLS. RADEL, D., et al. collabs.:

A escola pode assumir um lugar e posição de laço entre o conhecimento teórico e o conhecimento subjetivo, o qual o sujeito-aluno por sentir, lhe outorga o direito de existir, posto que a escola precisa estar enlaçada com Eros e Thanatos, considerando que o sujeito e, em especial, o sujeito adolescente revela, no seu corpo, fala e silêncio, esses afetos latentes. (ORNELLAS, MLS. RADEL, D., et al.

Collabs, 2008, p. 47):

No decorrer da história, as instituições familiares e escolares têm negligenciado, em parte, o processo de formação e educação dos adolescentes, de forma que estes são expostos a uma extensa rede de experiências e contextos sociais a partir dos quais se formam e também são formadores, em uma relação dialética com o ambiente, que se transforma e se diferencia das gerações anteriores (SPOSITO, 2005). Portanto se faz necessário aproveitar essas experiências sociais cotidianas, incluindo-as num contexto que auxilie na educação desses adolescentes, seja adaptando às disciplinas existentes, seja através de projetos que promovam reflexões e potencializem o que há de melhor no ser humano, a fim de minimizar as angústias desse período da vida.

O processo de formação educacional dos jovens, principalmente no que se refere à relação entre aluno e instituição tem sido extremamente rígido, ou seja, estamos diante de um processo educacional voltado ainda às práticas disciplinadoras. Exclui-se, dessa maneira, a subjetividade do indivíduo de forma a desconsiderar as distintas realidades e demandas (FORTES, 2003).

Isoladas por altos muros e grades, ao invés de se tornarem espaço de cooperação entre as pessoas, de construção de identidades, de respeito ao pluralismo e às especificidades culturais, as escolas por vezes se transformam em espaço alheios à comunidade e aos alunos (FORTES, 2003, p. 12).

Considerando a adolescência, compreendida por vários teóricos, como um período de intensas transformações físicas, emocionais e sociais, incluindo as dificuldades que enfrentam em todo seu ambiente de vida e principalmente nas escolas, onde nem sempre a solidariedade, o respeito, a humanização, a consciência do espaço e do corpo do outro são valores desenvolvidos e estimulados, o Colégio Estadual 10 de Maio, situado em Itaperuna/RJ, abriu espaço para ações de intervenções de psicologia junto aos alunos do 1º ano do Ensino Médio, a fim de tornar a escola um espaço de reflexão para a vida, estimulando a reflexão e a ação consciente dos seus alunos. Tais ações são orientadas pela Professora e Psicóloga Débora Rosa Fernandes e os acadêmicos de psicologia do Centro Universitário Redentor, autores deste texto.

Delineou-se nesse contexto uma proposta para intervenção, considerando tais aspectos e a subjetividade dos adolescentes, e baseando-se em estudos da psicologia escolar, com o objetivo de promover um local de acolhimento e de ações pertinentes às realidades dos alunos. Um lugar que criasse uma atmosfera de cuidado e liberdade, onde pudessem se expressar sobre questões diversas e vivências, de forma que fossem

compreendidos. Os alunos possuem liberdade para falar sobre sonhos, angústias, experiências e, dessa forma, ressignificar próprios conceitos e relações com os contextos nos quais atuam – se utilizando de atividades e linguagens artísticas. Para Vygostky (1990, p.79), a atividade criadora possibilitaria a ruptura e transcendência do que é objetivo, rompendo a barreira da linguagem e transportando o indivíduo ao futuro. Os sujeitos, através da imaginação, combinam o real com o abstrato, produzindo novos olhares, e conseqüentemente, constituindo e transformando a realidade que os cercam.

Foram propostas reuniões em grupo que apresentassem um caráter renovador e que buscasse a interação e ressignificação de vivências dos alunos. Na multiplicidade de sentidos, os orientadores mantiveram-se atentos, com escuta e olhar qualificados – para que, juntos aos alunos, pudessem trabalhar as questões expostas e transformar realidades marcadas por eventos de ruptura, vícios, abandono etc.

É latente a necessidade de um diálogo e ressignificação do processo de ensino e da relação entre instituição e alunos. É necessário buscar dispositivos atuais e considerar a subjetividade dos jovens, para que novos caminhos possam ser trilhados e constituídos de maneira conjunta – entre pais, educadores, escola e alunos. É relevante uma análise que compreenda a multiplicidade de contextos e que adote uma postura que dialogue com o jovem, de maneira que, este, entenda e se interesse pelo processo de ensino. Ainda, são necessárias atualizações das ferramentas, para que o processo de ensino escolar não caia em desuso e que, cada vez mais, os jovens percam interesse na instituição como necessária ao seu processo de educação formal. Valorizando este diálogo e as subjetividades dos diferentes atores neste contexto, o presente trabalho pretende contribuir para fomentar tais discussões e repensar o “fazer escola”.

Assim, o objetivo deste trabalho foi de fornecer aos alunos a possibilidade de reflexão, conhecimento, amadurecimento e reelaboração de questões complexas da atualidade que estão diretamente relacionadas às suas vivências, respeitando as variáveis e culturas diversas como classe social, comunidade que vive, sexo ou raça.

A Psicoterapia nos grupos teve a proposta de proporcionar um espaço “neutro” com uma escuta específica e atenta da Psicóloga e dos universitários do Curso de Psicologia para que os adolescentes pudessem se sentir confortáveis para discorrer sobre suas angústias, medos, desejos, ideias, anseios e dúvidas buscando compreender questões que normalmente eclodem nesta fase do desenvolvimento. A presente intervenção abriu espaço para os alunos pensarem sobre essa nova condição de existir e para se sentirem acompanhados neste período de tantas mudanças, o que pode possibilitar um

amadurecimento e desenvolvimento pessoal mais saudável que o observado comumente quando não tem este espaço dialógico.

DESENVOLVIMENTO

Antes de iniciar as intervenções aos grupos de alunos se fez necessário atender aos princípios éticos da psicologia, conforme preconiza o art. 8º da Resolução do Conselho Nacional de Psicologia (Nº010/2005), onde para prestar atendimento à criança e ao adolescente deve-se obter autorização de ao menos um de seus responsáveis, observadas as determinações da legislação vigente. Assim, foi realizada uma reunião com responsáveis dos alunos a fim de explicar as ações que seriam realizadas e solicitar a permissão de participação dos adolescentes.

As intervenções se desenvolveram através de reuniões dialogadas, utilizando-se de recursos audiovisuais, textos, leituras reflexivas, vídeos, discussão em grupos, dinâmicas de grupos, aplicação de instrumentos específicos e análise comportamental.

Os encontros ocorreram no primeiro semestre de 2018 com um encontro semanal de aproximadamente duas horas de duração, com atividades dirigidas a 33 (trinta e três) adolescentes de ambos os sexos, divididas em duas turmas. As atividades foram elaboradas de acordo com as demandas dos adolescentes, investigados por meio de dinâmicas e de um questionário, aplicados de forma anônima.

No primeiro momento, explicamos aos adolescentes que para aproveitar a oportunidade de falar de si e promover as intervenções pertinentes seria importante estabelecer um compromisso de confiança, onde a confidencialidade deve-se manter a qualquer custo durante e após o processo. Após a compreensão e aceitação desse fato iniciou-se uma proposta de conhecer os sujeitos. Assim, após a apresentação do grupo de trabalho – a Psicóloga Débora Fernandes e os universitários de psicologia da UniRedentor -, os alunos expuseram seus nomes, suas relações com a família, sociedade, comunidade escolar, entre outros. Nessa hora realizamos diversas intervenções aproveitando os discursos dos adolescentes, tais como: abuso sexual na infância, bullying, negligência familiar, depressão, suicídio, religião, perspectiva de futuro e marginalidade. Foram utilizados dois encontros onde a maior parte dos alunos se apresentou – alguns permaneceram com postura tímida e reflexiva e preferiram não discursar neste momento.

Aproveitando os discursos apresentados pelos alunos, iniciou-se a discussão grupal através do tema identidade. Estabelecer uma identidade implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e caminhos que se deseja seguir por toda a vida. A identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido (ERIKSON, 1972).

A ação se iniciou apresentando uma “Tirinha da Mafalda” (história em quadrinhos, cujo autor é identificado como Quino) que destaca somente uma frase: “E se tudo estiver errado...?”. Houve muita discussão de forma a testificar o pensamento de Aberastury e Knobel (1981), que destacaram que o adolescente diante das atuais mudanças passa a adquirir uma ideologia que lhe permita sua adaptação ao mundo e sua ação, sobre ele para mudá-lo.

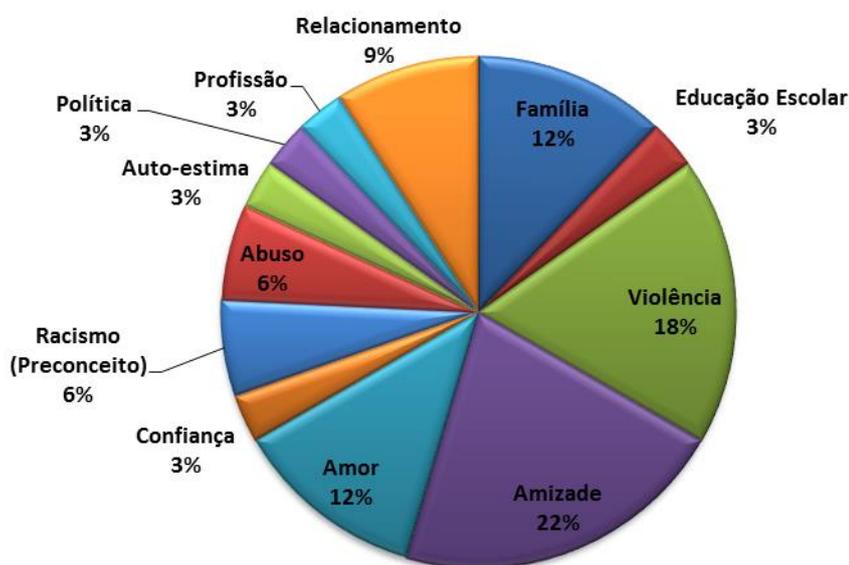
Sabemos que a adolescência é um período de contradições, onde as mudanças corporais são entendidas como uma invasão. Estas mudanças, através das quais perde a sua identidade de criança, implicam a busca de uma nova identidade, que se constitui consciente ou inconscientemente. No entanto, somente quando ele aceita essas mudanças corporais que sua nova identidade poderá ser definida.

Dessa forma, já é possível afirmar que o adolescente é uma combinação instável de vários corpos e identidades. A dificuldade de adquirir uma identidade coerente habita o obstáculo fundamental para determinar sua identidade sexual. Só alguns conseguem a descoberta de encontrar o lugar de si mesmo no seu corpo e no mundo. Interessante entender que quando o adolescente é capaz de aceitar, simultaneamente, seus aspectos de criança e de adulto pode começar a aceitar em forma flutuante as mudanças do seu corpo e começa a surgir a sua nova identidade. (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 15)

A adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado por impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, social, sexual e por esforços do indivíduo para alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. Inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida o seu crescimento e a sua personalidade, obtendo, progressivamente, a sua independência econômica, além da integração no seu grupo social. Nessa fase aumenta-se a necessidade de vivências e atitudes de tendências grupais, bem como a necessidade de intelectualizar e fantasiar, uma vez que seu desenvolvimento cognitivo já permite criar hipóteses. Observa-se uma capacidade de senso crítico e, por isso, podem ocorrer crises religiosas, atitudes sociais reivindicatórias e condutas contraditórias.

Na próxima etapa da intervenção foi aplicado um questionário e uma dinâmica a fim de coletar os assuntos de maiores interesses e relevância para serem trabalhados. Ante toda a multiplicidade de dados foi constatado que dentre os adolescentes, 36% são do sexo masculino e 64% feminino. Ao serem questionados sobre a escola, apenas 6% alunos disseram que frequentam por obrigação. O tema amizade sempre apareceu constante nas respostas, de modo que constatamos que 90% responderam que fazem amizade facilmente no ambiente escolar. Outros temas foram evidenciados pelos alunos tais como: família, preconceito, política, relacionamento, violência, autoestima, abuso, amor, entre outras, conforme demonstra o gráfico a seguir.

Gráfico 01 – Temas de Interesses dos Discentes



Fonte: Pesquisa

Diante da diversidade de temas apresentados, conforme mostra o Gráfico 01, as duas turmas do 1º ano do Ensino Médio escolheram por sorteio o primeiro assunto a ser discutido. Uma turma escolheu o tema amizade e a outra, violência. Assim, a proposta se iniciou com a confecção de um grande cartaz com recortes de livros, revistas e jornais. De posse com o material pronto, cada participante disse sobre a significância do tema para sua vida.

Sobre o tema da amizade, Minto, Pedro, Netto, Bugliani e Gorayeb (2006, p. 561) argumentam que o estudo das relações de amizade na adolescência é de amplo valor visto que o afastamento da família e o estreitamento dos laços com os pares é uma característica importante deste período. As mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas sucedidas nos últimos anos do século passado e no princípio do presente

século originaram novas configurações sociais: os papéis sociais tornaram-se mais permeáveis e propícios a mutações. Tais modificações trouxeram certa instabilidade geradora de angústia nos adolescentes, por não compreenderem o seu lugar social. Esta pode ser a razão para o aumento da importância dos pares em detrimento da família, na medida em que eles compartilham tal situação e proporcionam apoio emocional (PEREIRA; GARCIA, 2007). Há uma tendência de os jovens ampararem uns aos outros formando grupos e estereotipando-se a si próprios, seus ideais e seus inimigos, além de testarem insistentemente a capacidade para a lealdade (ERIKSON, 1976).

Durante a adolescência as amizades vão ganhando uma maior importância progressivamente. O fato de ser aceito por um grupo é fundamental para a construção da identidade do adolescente, que assim vai definir aos poucos seus valores, ideias e opiniões acerca dos outros e do mundo. Trata-se da inserção dos sujeitos nas regras e normas da convivência social.

Nos discursos dos alunos foi percebido que a amizade é bastante significativa, e o seu significado é representado pelo companheirismo e cumplicidade que se desenvolvem devido às trocas de confidências, aos relatos de intimidades, às descobertas sexuais, aos problemas familiares, às brigas, entre outras vivências.

Entende-se amizade como uma interação diádica recíproca e íntima, iniciada por livre escolha e marcada por um intenso componente afetivo. Essa interação possui como principais funções a promoção de afeto, intimidade e segurança. Ainda, a amizade pode trazer influência positiva na aprendizagem dos adolescentes, na medida em que, a partir da geração de sentimentos e experiências que possibilitam certa redução de ansiedade, pode estimular atividades de exploração do ambiente e de novos conteúdos. As relações de amizade incluem crucial importância, também, no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades sociais como cooperação e resolução de conflitos (LISBOA; KOLLER, 2003).

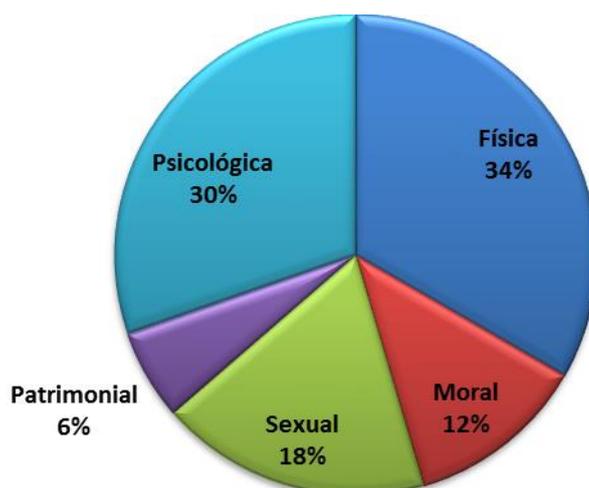
Sobre o tema da violência, ratificamos que durante o período de crescimento e desenvolvimento da criança e do adolescente, a exposição às violências física e psicológica deixa permanentes marcas na competência social e na autoestima. Os seus valores, bem como o julgamento que o adolescente faz de si e dos outros, ficam comprometidos, tornando-o mais propício às influências externas ao seu núcleo familiar. Evidencia-se assim que uma harmoniosa convivência familiar é essencial para a formação saudável do adolescente. Quando pessoas expressivas, como pais, professores e líderes religiosos e comunitários, cometem atitudes inapropriadas (como abusos físicos ou emocionais) contra o

jovem, provocam sensações de menos valia na sua autoconfiança, visto que deles se esperavam respeito e compreensão.

Experiências de violência sucedida durante o período da infância poderão intervir de modo significativo no desenvolvimento posterior, causando desde comportamentos não adaptativos e déficits emocionais, até transtornos mentais graves, como: transtorno de hiperatividade, comportamento impulsivo, problemas de aprendizado escolar, bem como transtornos da conduta e abuso de substâncias psicoativas, na adolescência (HORONOR, 2002).

Através do questionário aplicado aos adolescentes, referente ao tópico da violência, foi constatado que 67% dos alunos já sofreram algum tipo de violência. O Gráfico 02 apresenta os tipos de violências por eles vivenciados.

Gráfico 02 – Tipos de Violências Vivenciados Pelos Alunos.



Fonte: Pesquisa

Maus-tratos psíquicos ou emocionais são tão danosos à saúde da criança ou do adolescente quanto as outras formas de violência. De acordo com Hart et al (1987, p. 160):

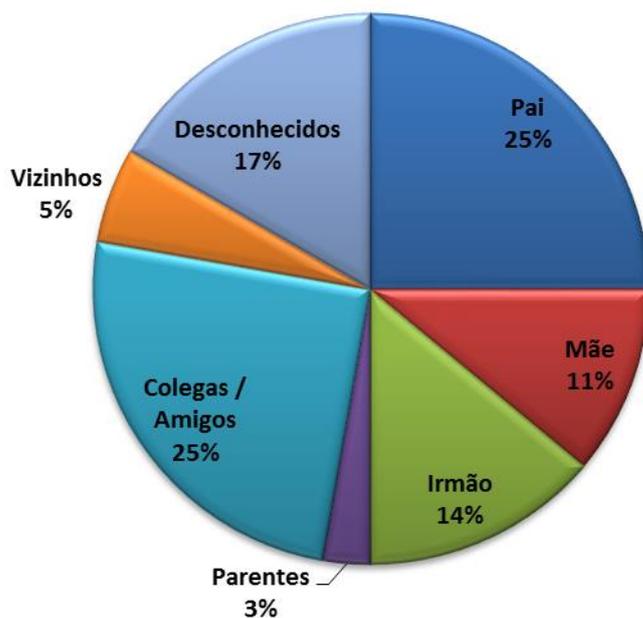
O abuso quando realizado contra crianças e adolescentes, em pleno desenvolvimento e formação psíquica, pode causar danos à personalidade do indivíduo. Assim, diferentes estudiosos sobre esse tema ao tentar conceituar e definir a violência psicológica na infância encontraram dificuldade em unificá-la utilizando vários termos para designá-la como violência, abuso ou maus-tratos adjetivados de emocional ou psicológico. Porém, todos pontuam os comportamentos parentais em relação aos filhos como uma forma de comunicação familiar que, se estabelecidos de forma negativa, podem dessocializar e explorar a prole, negando a responsabilidade emocional, própria dos cuidadores.

Outro preocupante aspecto é a ocorrência de situações de incesto ou estupro. Segundo Ruzany & Meirelles (2009, p.54):

o abuso sexual é definido como a participação de uma criança ou de um adolescente em atividades sexuais que são inapropriadas para sua idade e seu desenvolvimento psicossocial. No caso do estupro ser perpetrado pelo pai, padrasto ou pai adotivo, pessoa em que a vítima confia e de quem não esperava tal comportamento, o ato é considerado pela lei um crime ainda mais grave. Quando as vítimas são meninas com menos de 14 anos, mesmo que tenham permitido a relação sexual e não tenha havido violência, esse incesto também é considerado estupro. Entende-se que até essa idade a menina está em fase de desenvolvimentos físico e psicológico e que não possui condições de decidir sobre esse tipo de relacionamento.

O Gráfico 03 titula quais os agressores que praticaram atos de violências contra ao grupo de adolescentes.

Gráfico 03 – Agressores aos Adolescentes.



Fonte: Pesquisa

O grupo familiar pode apresentar situações de proteção ou de risco para a violência nas diversas etapas do ciclo vital, sendo os maus-tratos contra crianças e adolescentes uma das formas mais danosas, pois, ocorre em ambiente em que a violência é praticada por pessoas que, por princípio, deveriam ser os cuidadores/protetores. A violência se expressa através de atitudes, omissões ou ações de caráter físico, sexual, verbal,

emocional e moral uns com os outros, causando prejuízo a um ou mais membros da família (Assis e Constantino, 2003; Straus et al., 2009).

Quando o grupo discorreu sobre violência foi percebido que a recordação traz grande sofrimento aos adolescentes, principalmente os praticados pela família. Dentre os discursos apareceram fatos como estupros praticados por pais e padrastos, onde a mãe se negava a acreditar; abusos sexuais praticados por pessoas estranhas; irmão que foi vítima de assassinatos por estar envolvido com tráfico de drogas; entre outros fatos, possibilitando à equipe de universitários e à Psicóloga responsável observar o quanto seus espaços de convivência são vulneráveis.

RESULTADOS

Com a intervenção foi possível observar: aumento da capacidade da gestão emocional e afetiva, de modo a possibilitar a diminuição da impulsividade; promoção da consciencialização das autorrepresentações; e o fortalecimento dos recursos internos para melhorar a interação social, através da expressão individual, eventualmente sujeito à crítica e com promoção da capacidade de confronto e objetividade.

Observamos uma melhora significativa na convivência entre os membros do grupo. O vínculo estabelecido entre os alunos e deles com a Psicóloga e os universitários apresentou sólida importância na realização do trabalho, visto que proporcionou uma melhor condução das atividades e um espaço aberto para a escuta das demandas. Os debates propostos os instigaram a refletir e construir suas próprias ideias acerca das questões que permeiam o mundo em que vivemos, e como se posicionam frente a elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grupos vivenciaram diversos momentos de alegrias e angústias. Manifestaram em forma de percepções os ataques vindos da família, pais, professores, amigos e experiências vividas. Os pais, em certas ocasiões, foram referidos como autoritários, agressivos, frágeis, negligenciadores e dependentes. Os alunos expressaram um intenso sofrimento psíquico frente a essas situações, relataram situações de violências, depressão e tentativas de suicídio. Acenaram dúvidas a fim de encontrar soluções para melhorar a qualidade de vida.

Observou-se que os grupos produziram um estado emocional de esperança, uma crença grupal inconsciente de que, quaisquer que fossem os problemas e necessidades do grupo, estes seriam resolvidos.

A partir das experiências desse estudo, concluímos que os grupos funcionaram como um alívio para as angústias diante do desamparo e da impotência presentes na adolescência. Serviu de dispositivo terapêutico para a promoção de autoconhecimento. Criou-se um sentimento de pertinência e de fortalecimento, um espaço de continência e reflexão sobre as experiências subjetivas dos adolescentes, que passaram a buscar, em grupo, compreendê-las, tendo manifestado um desejo de continuidade. Os sentimentos, conflitos e dificuldades individuais dos adolescentes entraram em ressonância uns com os outros, o que tornou o grupo fortalecido. Cada adolescente dos grupos identificou uma parte de si refletida na interação com os outros participantes do grupo, e assim, pode perceber os outros reagindo da mesma maneira como ele, ou de maneira diferente, causando um contraste e questionamento contínuos, levando à ressignificação e elaboração de várias demandas. Desta forma, o adolescente se conhece através da ação que vivenciou sobre os outros e através das imagens que os outros fazem dele.

Salientamos que é relevante uma continuidade das atividades já que é um dos poucos espaços proporcionados aos adolescentes em que podem falar o que pensam, questionar valores e conhecer outros pontos de vista.

Finalmente, destacamos a importância do papel do psicólogo no atendimento a grupos. Portanto, se faz necessária uma formação teórica, técnica e pessoal para que este esteja mais bem preparado para atuar diante das demandas do campo da saúde mental.

REFERÊNCIAS

ASSIS SG, AVANCI JQ, SANTOS NC, Malaquias JV, OLIVEIRA RVC. **Violência e representação social na adolescência no Brasil**. Rev Panam Salud Pública. 2004;16(1).

ASSIS SG, AVANCI JQ. **Labirinto de espelhos. A formação da auto-estima na infância e adolescência**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2003.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. (Originalmente publicado em 1968)

FORTES, M. F. A. Juventude e escola. **DOXA - Revista Sem. do Unileste-MG**, n. 9, jan./jun. 2003.

GAUDERER CE, MORGADO K. **Abuso sexual na criança e no adolescente**. Jornal de Pediatria. 1992;68(7/8):7-8.

Hart SN. **A major threat to children's mental health. Psychological maltreatment. American Psychological FEB**. 42(2):160-5, 1987.

HORONOR H. **Child sexual abuse: psychosocial risk factors**. J Pediatr Health Care. 2002;16:187-92.

LISBOA, C.; KOLLER, S. H. **Amizade e vitimização: Fatores de risco e proteção no contexto do grupo de iguais**. Psico (PUC-RS), Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 57-70, 2003.

MINTO, E.; PEDRO, C.; NETTO, J.; BUGLIANI, M.; GORAYEB, R. **Ensino de habilidades de vida na escola: Uma experiência com adolescentes. Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, p. 561-568, 2006.

PATTO. M. H. S. **Para uma crítica da razão psicométrica**. Psicologia USP. São Paulo, v. 8, n. 1, 1997, p.47-62.

PEREIRA, F.; GARCIA, A. **Amizade e escolha profissional: Influência ou cooperação? Revista brasileira de orientação profissional**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, p. 71-86, 2007.

RUZANY, Maria Helena; MEIRELLES, Zilah Vieira. **Adolescência, juventude e violência: identificação, abordagem e conduta**. Revista Adolescência & Saúde, Volume 06, p.52-60, 2009.

SPOSITO, M. P. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In: ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. (Orgs). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

STRAUS MA.; GELLES R; Steinmetz SK. **Behind closed doors: violence in the American family**. New Jersey: Transaction Publishers, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **La imaginación y el arte en la infancia**. Madrid: Akal, 1990.

ORNELLAS, MLS. RADEL, D., et al. collabs. **Ficar na escola: um furo no afeto**. Salvador: EDUFBA, 2008, 182 p. ISBN 978-85-232-0937-7. Available from SciELO Books

SOBRE OS AUTORES:

Adelino Lopes da Cruz Netto: Aluna Graduando do Curso de Psicologia da UniRedentor. E-mail: adelinolopes01@hotmail.com

Carlos Henrique Barbosa Rozeira: Aluno Graduando do Curso de Psicologia da UniRedentor. Graduado em Sistemas de Informação na UNIG. Especializado em Empreendedorismo e Inovação pela UFF. Especializado em Gestão Educacional. Especializado em Docência da Educação Básica pela UniRedentor. Atua em Gestão Pública desde 1997. E-mail: ariezor@hotmail.com

Lyssa Ellen Câmara de S. Q. Cardoso: Aluna Graduando do Curso de Psicologia da UniRedentor. E-mail: lyssaellen@gmail.com

Amanda Vargas Pereira: Fonoaudióloga, Mestre em saúde Pública (ENSP); Doutoranda em Saúde Coletiva (IESC/UFRJ); Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Redentor, Itaperuna/RJ.